

ODETE COSTA SEMEDO: POÉTICA ECOLÓGICA – UMA LEITURA DE ENTRE O SER E O AMAR

ANGÉLICA SOARES*

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Resumo

Para experiencarmos um modo autenticamente humano de habitar a Terra – que se constitui poéticoecologicamente –, recriado em *Entre o ser e o amar*, da guineense Odete Costa Semedo, dialogaremos com a inter-relação entre construir, habitar, pensar e proporemos uma compreensão de Natureza no seu sentido integrado; o que exige um enfrentamento da ideologia dominante de dualismo na cultura ocidental. Propostas para uma ecocrítica literária de William Rueckert nos levarão a ler o poema como uma energia inesgotável, capaz de se expandir na comunidade humana e de se transformar em ação social, visando ao equilíbrio global. Na poética semediana, ainda na perspectiva de Rueckert, as metáforas serão fruídas por nós em sua constituição ontológica e não representacional; permitindo-nos concluir que, ecologicamente, nos situamos sempre de modo não excludente entre o ser e o amar.

Palavras-chave: Ecologia; Ecocrítica; Poesia Guineense Contemporânea.

Nós deveríamos levar nossos poetas mais a sério. Deveríamos aprender a pensar ecologicamente, eco-poeticamente (RUECKERT, 2009, p. 12)¹

Tradução da autora

Essa advertência, de William Rueckert, em *Metaphor and reality: a meditation on man, nature and words*, nos provoca, de modo superlativo, quando deixamos falar a poesia da guineense Odete Semedo. Isto porque, ecopoeticamente, somos conduzidos para o convívio com as verdades ontológicas das metáforas, ao invés de as apreendermos, epistemologicamente, como representação. Através das propostas de Rueckert para uma ecocrítica – termo por ele cunhado em 1978 no texto “Literature and ecology; an experiment in ecocriticism” –, devemos buscar o lugar da literatura na teia ecológica da vida, com ênfase no vigor literário, entendido como fluxo contínuo, criativo e inesgotá-

vel, capaz de energizar comunidades e, assim, levá-las a experienciar o modo autenticamente humano de habitar a terra, que se constitui poéticoecologicamente.

Os poemas de **Entre o ser e o amar**, quase todos construídos em português e em Krioul, a todo instante, energizam-nos com questões que nos põem atentos à linguagem do *oikós*, da habitação da terra, que inclui o sentido do resguardo, no construir de relações garantidoras da vigência de cada ser.

Para vivenciarmos esse sentido de habitação, a poesia semediana nos convoca, a princípio, a considerar Natureza em seu sentido integrado. Esse talvez seja um primeiro passo para nos livrarmos das diferenciações hierárquicas entre humanos e não humanos, que se vêm construindo pela força ideológica dominante de dualismo, dentro da cultura ocidental.

Precisamos ter em mente que humanos e não-humanos são Natureza, que o ser humano não é apenas uma parcela imprescindível do elo ecológico do nosso planeta, mas parte integrante dele; que tudo está integrado em tudo. E que, decorrente dessa integração, qualquer atitude destrutiva, opressiva, violenta, reverterá contra o próprio opressor. Assim sendo, mais do que observar como interagimos com a natureza, cabe focalizar como interagimos na Natureza, ultrapassando uma postura crítica ambientalista.

Agindo de modo dualista, constantemente nos esquecemos de que, se nomeamos por natureza as árvores, o mar, o ar, os animais (o que se convencionou chamar de meio ambiente), da mesma forma fazemos alusão aos nossos modos de ser. Esquecemo-nos também que natureza e cultura não se opõem, tensionam-se, alicerçadas no habitar.

No ensaio sobre “Os mecanismos da criação original”, Emmanuel Carneiro Leão esclarece esse sentido tensional que sustém qualquer criação:

a obra se planta no solo da natureza, donde recebe a solidez de seu vigor. Pois assim plantada, a obra resiste às diferenças dos seres e, resistindo, lhes revela a força de identidade. É então que a árvore, a pedra, o animal, o homem advêm a si mesmos e evidenciam a estrutura própria de suas fisionomias.

Este advir é na dinâmica de sua revelação o vigor da natureza. Dentro dos limites da obra a natureza rompe as restrições de todos os seus sentidos para assumir aquele vigor de identidade em que se recolhe tudo que se impõe por si mesmo. Nas obras, portanto, ao mesmo tempo em que se ex-põe uma cultura, se com-põe o vigor da natureza. É na tensão de cultura e natureza, erigida em obra, que os seres proclamam a origem e a força de suas diferentes possibilidades (LEÃO, 1977, p. 189-90)

Essas questões nos questionam nos poemas semedianos, suscitando diálogos que nos levam a pensar eco poeticamente. Odete Semedo recria nosso modo ecológico de ser, de ultrapassar obstáculos e respeitar diferenças, no resguardo da Terra, que não se separa do corpo:

Sou parte desta natureza
Tão gasta
Desta face da terra
Tão frágil e vasta
Sou o rio que corre
Tropeçando em pedras e vales
Para chegar ao seu destino
Não sou mulher nem homem
Sou apenas mais uma desta geração
Não sou homem nem mulher
Apenas um pedaço deste chão
(SEMEDO, 1996, p. 31)

Mobilizados pela energia poética e sua força de transformação, reconhecemos com Semedo a Natureza em nós. Desenhando-a como “gasta”, “frágil e vasta”, nos desenhamos em nossas carências e abundâncias, reconhecendo-nos pelos inter-relacionamentos, pelas reciprocidades, pelo um no outro

Ser “rio” é assumir-se como possibilidade e fluidez, é vivenciar a fertilidade que escorre no espaço-tempo da vida e, simultaneamente, da morte. Isto porque:

A morte humana, estrutura do homem como homem, não é a morte biológica, o simples deixar de viver. A morte humana é saber aceitar a morte. O homem é o único ser vivo que sente a sua morte. Esse sentir a morte como a impossibilidade de suas possibilidades e ao mesmo tempo como a extrema possibilidade de suas possibilidades transforma-lhe a vida. (LEÃO, 1977, p. 207)

Com os versos “Tropeçando em pedras e vales / Para chegar ao seu destino”, seguimos o curso das águas, na corrente que nos move como seres historicamente destinados, no jogo de identidade e diferença, pois “para os que entram nos mesmos rios, afluem sempre outras águas; mas do úmido exalam também os vapores” (HERÁCLITO, 1980, p. 51).

Como nos lembram Chevalier e Guerberant:

Seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios (CHEVALIER; GUEERBRANT, 1990, p. 781)

E, assim, tantas vezes em nossa humana errância nos desordenamos para nos ordenar, tropeçamos e decaímos para alcançarmos o equilíbrio e a ascensão.

Pelas mãos de Odete Semedo, tensionando poesia e pensamento, assumimo-nos temporalmente, ultrapassamos as diferenciações de sexo

e gênero; ecologicamente deixamos surgir a consciência maior: a de sermos “apenas um pedaço deste chão”. E, tomando os caminhos das “Oscilações”, seguimos pelas vias dos nossos humanos paradoxos:

Entre o céu e a terra
Qual navio sem rumo
Numa quimera
Oscilo no alto mar da vida

Entre sonhos e utopias
Oscilo na miragem do macaréu
Que balança e engoda
O meu tormento

Entre o constante querer
E a incerteza dos sonhos
Da natureza morna... oscilo

Oscilo tristemente
Entre a sombra e a penumbra
(SEMEDO, 1996, p. 15)

Auscultando as imagens do poema, deixemo-nos viajar “Entre sonhos e utopias”, deixemo-nos oscilar cosmicamente “no alto mar da vida”. Com as “incertezas” – porque “in”, sempre dentro as certezas) somos mobilizados como seres entre a vida e a morte, também – uma dentro da outra. No dizer de Fernando Pessoa, pelo heterônimo Álvaro de Campos: “a vida é o lado de fora da morte” (PESSOA, 1974, p. 163), a tarefa manifesta do exercício latente, o enunciado diário da enunciação *sine die*. A morte é o lado de dentro da vida; pois: “Desde que se tornou homem, o homem morre a cada instante de sua vida. Desde então a morte do homem é viver a morte” (LEÃO, 1977, p. 207).

Entre o que se mostra no que se oculta, também oscilamos entre “céu e terra”, quando irrompe de súbito o “macaréu” a nos fazer balançar nas águas da fantasia. “Entre sonhos e utopias” nos construímos como possibilidade, atraídos pelo princípio esperança. Com Ernst Bloch e com Odete Semedo passamos a considerar a utopia, apoiada historicamente, como um possível concreto, que cresce com o “querer”, como o “lugar em que se encontra o ainda-não-consciente” (BLOCH, 1966, p. 26); daí o seu parentesco com o sonho, porque realidade é também o que tem que ser realizado, o que estabelece um possível diante de nós, uma abertura para o futuro: mola propulsora de uma práxis.

Da convivência com a “sombra e a penumbra”, com os estados do mar, que são também os nossos, surge a “Esperança” no ir e vir das águas da vida / no ir e vir das águas da morte, entre o céu e a terra, sem limites

de fim ou começo. E, desde sempre, aprendemos com Heráclito: “se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso” (HERÁCLITO, 1980, p. 57). Esperançosos, sejamos alguns, na multidão que explode semedaneamente:

A esperança explode
Enquanto caminhamos
A vontade renasce
Esperança vive
Recordações surgem
O passado
As passadas...
Torrentes irrompem
Inundando a terra firme
Juízes dilaceram juízos
A multidão caminha
A vontade explode
Não em mim
Que reclamo a velhice
E cansado me sinto
Mas em ti
Vontade renascida
Flor desabrochando
(SEMEDO, 1996, p. 39)

A esperança, “visceralmente histórica” (BLOCH, 1966, p.23) por eclodir da historicidade do homem, de sua temporalidade essencial, promove a caminhada, alicerçada na “vontade” que renasce, a mobilizar, simultaneamente, presente, passado e futuro. A “verdade ontológica das metáforas” (RUECKERT, 2009, p. 9)², por sinalizar modos de compreensão de nós mesmos, nos ensina, ainda com Ernst Bloch, que:

Compreender o que *foi* significa apreender alguma coisa não como foi, seu ter sido. Significa apreendê-la como o tornar-se de um processo, que ainda não alcançou sua meta. Que com insatisfação subjetiva e contradição objetiva ainda procura seu destino. E principalmente tem necessidade do homem para realizar a causa conveniente no processo do mundo, isto é, a passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade (BLOCH, 1966, p. 23)

Assim, “recordações surgem”, promovendo uma abertura para a frente, em meio a “torrentes”, inundações, dilaceramentos, que não distinguem o interior do homem e o exterior da terra. Entre paisagens de desejo recria-se no poema, com o ritmo marcial das “passadas”, o “pro-duzir”, enquanto o conduzir para adiante.

Tradução da autora

No reino da liberdade, experienciam-se o explodir, o lançar-se para fora dos estreitamentos funcionais, para a construção poética das realidades; vivencia-se o renascimento da vontade na “flor desabrochando”; fazendo eclodir novas concepções de mundo, ecologicamente vivenciado, ecologicamente metaforizado no corpo de cada um na “Multidão” e ao mesmo tempo se manifestando como multiplicidade.

Habitando a linguagem, o poeta inaugura a palavra, descerra sentidos, inclui o silêncio, promove na leitura a busca do “entre”, do “ex”, do conhecer como “co-nascer”, como um deixar-se “entre-tecer”, “explodir” no brilho originário das imagens, na sua intraduzibilidade, porque “a imagem não explica: convida-nos a recriá-la e, literalmente, a revivê-la. O dizer do poeta se encarna na comunhão poética” (PAZ, 1975, p. 50).

Essa força da imagem se apresenta para William Rueckert como uma energia armazenada na obra – energia ativa, viva, geradora. Experienciando a leitura como uma transferência de energia, críticos e professores a fariam fluir através da comunidade humana e transformar-se em ação social, a agir criativa e cooperativamente, de forma inesgotável, como um caminho que sustenta a vida e como um recurso sempre renovável. A ecocrítica rueckertiana propõe que os diálogos instaurados pelas obras não se esgotem nas imagens, mas se desdobrem na prática dos dias, numa pré-disposição poética para transformações que, no dizer semediano, nos situem, de forma não excludente “Entre o ser e o amar”.

Ressalta, por sua vez, Manuel Antônio de Castro, que “a energia poética é a essência de todo o agir e o sentido de todo fazer e até do não agir e do não fazer, do ser e do não-ser” (CASTRO, 2007, p. 2). É a essência da temporalidade humana, manifestando-se no passar do tempo, na consciência da finitude humana, a questão que nos questiona, explicitamente, no poema “O velho poilão”:

O tempo fez-me vergar
E as minhas raízes saltar
Agarro ao que de mim resta
E tento reconhecer a minha geração
De extrema solidão
No meu reino

Tenho pesadelos
Tratores de dentes aguçados
Ávidos lenhadores
De machado em punho
Meus oradores
Miram o meu tronco
Carcomido pelo tempo
À espera da queda fatal

Angustiado sonho com os belos tempos
Vejo os meus braços verdes
O meu tronco firme
Ostentando uma cabeça frondosa
De cabelos encarapinhados
Simulando perfis ociosos
De rostos apinhados

Ainda recordo
De sombras que dei
Histórias de amor, noites de fogueira...
Quantas não assisti?
Fui símbolo de amor proibido
Refúgio de namorados
Hoje é isto o que de mim resta

Tudo que em mim presta
O tempo levou
E o chão aprovou
Mas não choro

(SEMEDO, 1996, p. 25)

O “velho poilão” fala, em cada um de nós, do nosso envelhecer, do nosso “vergar”, das marcas do passar do tempo em nossos troncos, da angústia de nos sabermos seres no mundo para morte “À espera da queda fatal”, da angústia de vivermos na liminaridade. Com relação a essa angústia Hans-Georg Gadamer chama-nos a atenção para as constantes tentativas de compreensão da morte. Das diferentes formas de culto, bem como da tradição filosófica e poética, na qual nos situamos, vem a questão central: “Estas tentativas são para saber, ou elas também não passam de maneiras de não querer saber o que se sabe?” (GADAMER, 1975, p. 12)³.

A proximidade da “queda” guarda perguntas sem repostas. Nas ações construtivas (que “o chão aprovou”), conquistamos liberdade e lançamos incessantemente o nosso projeto histórico. Por isso, a velha árvore fala em cada um de nós do que construímos: lugares de acolhimento, de amor e festa. A morte, portanto, não é um núcleo de enclausuramento ou de extermínio, mas o lugar da conquista libertária. No momento em que o homem conscientiza o seu percurso simultâneo de vida e morte, chegada e partida, ele vivencia a sentença heraclitiana segundo a qual “Princípio e fim se reúnem na circunferência do círculo” (HERÁCLITO, 1980, p. 121). E, assumindo a circularidade da existência, o fim não é mais término ou finalidade imediatista / funcionalista. Por ela somos estimulados a dar ao percurso um maior sentido. Assim, a morte se atualiza não como a lembrança de uma

Tradução da autora

presença distante, mas como aquilo pelo qual permanentemente somos.

O “velho poilão” nos ensina a lidar com a angústia da finitude através do sonho, pois “sonhar é ser homem” (LEÃO, 1977, p. 180); nos ensina que a “solidão” desvela o nosso modo de ser relacional, dialogal; nos ensina a lidar ecologicamente com destruição e reconstrução; nos ensina a manter, nas formas carcomidas, os “braços verdes”, a “cabeça frondosa”; no que é levado pelo tempo, a aprovação pelo “chão”, pela permanência fértil e infinita de nosso agir humanamente ecológico.

ABSTRACT

To experience an authentic human way to dwell on the Earth (poetically and ecologically constituted) recreated in *Entre o ser e o amar*, by the Guinean Odete Costa Semedo, we will dialogue with the inter-relation among building, dwelling, thinking, and will propose to comprehend Nature in its integrated sense; that demands facing the dominant ideology of dualism in the western culture. Proposals for the ecocriticism of William Rueckert will take us to read the poem as stored energy, capable of expanding itself in the human community, and turning into social action for global balance. Taking Rueckert's perspective into Semedo's poetic, the metaphors are relished by us in its ontological and not representational constitution; what allow us to conclude that ecologically we always set ourselves in a non-excluding way between being and loving.

Key words: Ecology; Ecocriticism; Contemporary Guinean poetry.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Ernst. O homem como possibilidade. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. *Tempo Brasileiro*, n. 8 p. 15-28, Rio de Janeiro, 1996.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Poético-ecologia**. Disponível em: <<http://travesiapoetica.blogspot.com/2007/05/poetico-ecologia-prof.html>>. Acesso em 17 dez 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **La mort comme question**. Tradução de Marianne Simon. In: GADAMER, Hans-Georg *et al.* **Sens et existence**. Paris, Seuil, 1975. p. 9-22.

HERÁCLITO. **Fragmentos; origem do pensamento**. Tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1980.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Os Mecanismos da criação original. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis, Vozes, 1977. p. 189-90.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A hermenêutica do mito. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis, Vozes, 1977. p. 193-208.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A poesia e a linguagem. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis, Vozes, 1977. p. 173-80.

PAZ, Octavio. A imagem. In: PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 2.ed. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1976. p. 37-50.

PESSOA, Fernando. Heterônimo/Álvaro de Campos. Reflexões. In: PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Org. intr. e notas Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar, 1974. p. 163.

RUECKERT, William. Literature and ecology: un experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. **The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology**. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. 105-23.

RUECKERT, William. Metaphor and reality: a meditation on man, nature and words. <<http://kbjournal.org/node/128#comment>>. Acesso em 20 mar 2009.

SEMEDO, Odete Costa. **Entre o ser e o amar**. Bissau, Inst. Nacional de Estudos e Pesquisa, 1996.